



**Eu já nasci predestinado a uma missão: lutar capoeira. Venci centenas de adversários, formei mais de 10 mil alunos. Pela minha Academia passou do**

soldado ao Coronel, do operário ao escritor, do médico ao menino doente que precisava de exercício para desenvolver as juntas. Ainda estou aqui pela vontade de Deus. E êle eu sei que não vai me deixar sempre assim.

Contemporâneo de Bigode de Seda, Tibiriçá, Antonio Braço Grosso e Bezouro, nomes que hoje são verdadeiras lendas na Bahia, tão bom quanto qualquer um deles, Mestre Pastinha é hoje, com a morte de Bimba, o último dos capoeiristas de uma geração precocemente condenada a viver apenas da glória dos livros, jornais e histórias populares que correm de boca a boca pelos quatro cantos de Salvador.

Aos 85 anos, cego, doente e sem lugar para estabelecer uma nova Academia – a que tinha foi tomada pelo Governo – Mestre Pastinha ainda tem força para dançar e lutar a capoeira melhor do que qualquer dos jovens de rijos músculos adolescentes, como bem afirma Jorge Amado. Mas, desiludido com os amigos e autoridades que o abandonaram, sonha em utilizar a capoeira apenas para vencer a miséria do quarto úmido e abafado em que vive no bairro do Pelourinho, num cortiço onde mais de 100 pessoas se amontoam e se comprimem em cômodos cheios de ratos, baratas e goteiras.

Salvador – Na Rua das Laranjeiras, no Pelourinho, um garoto preto, forte, de mãos grossas e grandes, ironiza a coragem de um mulatinho magro miúdo, a quem durante muitos anos espancou. Não há bate-boca. A única pessoa que assiste a tudo é a mãe do pretinho forte, que da janela de uma casa procura ridicularizar ainda mais o adversário do seu filho: “Pequeno mais bobo, não cansa de apanhar”.

Cinco minutos foram suficientes para o mulatinho vencer a briga, aplicando rabos-de-arraia, pernadas e uma cabeçada violenta. Desse dia em diante o pretinho forte não apareceu mais na Rua das Laranjeiras. O mulatinho passou a frequentar casas de jogo, entrou para a Marinha, conheceu mulheres, pintou paredes e quadros, ficou famoso como capoeirista.

Sentado num banco desbotado pelo tempo, camisa verde e calça azul clara muito grandes para seu corpo miúdo e sem banhas, os pés descalços quase tocando com as pontas do dedo no cimento frio. Vicente Ferreira, o Pastinha, o último dos capoeiristas de Angola, conserva aos 85 anos uma excelente memória e não pensa mais em usar os golpes e a malícia que aprendeu no canzuá do Mestre Benedito para vencer homens fortes que gostavam de rir do seu aspecto frágil e ingênuo. Ele quer simplesmente vencer a fome.

Cego, doente e sem lugar para estabelecer uma nova Academia desde que o Governo do Estado requisitou o andar que ocupava no Largo do Pelourinho, Pastinha, além da fome que muitos dos seus antigos alunos tentam espantar com pequenas ofertas de verdura, leite e carne, enfrenta o esquecimento dos antigos amigos e autoridades que antes o bajulavam. No entanto, não se lamenta e prefere falar pouco dos tempos ruins para

**“afastar o azar”, certo de que Oxalá, seu guia e protetor, vai iluminar novamente os seus caminhos lhe devolvendo a força, os alunos e a Academia.**

#### **RATOS, BARATAS E FRIO**

**Nós Capoeiristas temos alma grande**

**Que cresce com alegria**

**Há quem tenha alma pequena**

**Que vive como as águas em agonia**

**Aos 85 anos, Mestre Pastinha não tem muitas alegrias além dos cigarros que ganha de presente ou manda comprar com o pouco dinheiro que consegue economizar dos Cr\$ 300 de uma pensão paga pela Prefeitura. Mora num quarto apertado, cheio de buracos na parede, onde além da cama, do guarda-roupa e do único e tosco banco sobra espaço apenas para o velho berimbau de onde vez por outra tira sons agudos e tristes.**

**Costuma passar os dias inteiros sentado na porta do quarto número dois, que divide com sua atual companheira Dona Maria Romelia, ratos, baratas e pulgas. O cômodo fica no princípio de uma velho casarão na Ladeira do Pelourinho, um pouco acima do local onde durante várias décadas funcionou a sua Academia, hoje com o prédio sendo reformado para dar lugar a um hotel de categoria internacional.**

**Quando eu sai de lá nem indenização recebi, pois tinha a promessa do Governador e do Prefeito de que voltaria logo que as obras de recuperação de Pelourinho terminassem. Qual nada! Não me devolveram o local e ainda me levaram tudo que eu tinha guardado ali: atabaques, berimbaus, medalhas, móveis e até o registrou da Academia. Se eu fosse 20 anos mais novo e não estivesse cego, abriria minha Academia em outro lugar do Pelourinho, que sempre foi o meu mundo, e voltaria a ensinar. Mas o corpo já não dá.**

#### **BUSCA DA LIBERDADE**

**A capoeira de Angola é boa**

**Sua história não acabou**

**Pastinha sustenta, grita e ressoa**

**Capoeirista não nega o seu valor**

**Pastinha nasceu no dia 5 de abril de 1889. Seu pai, José Sinó Pastinha, era um espanhol que comercializava com secos e molhados. Sua mãe, Dona Maria, era uma preta forte, ex-escrava, que gostava de contar histórias e não queria ver o filho metido em confusões. „Mas eu nunca me liguei muito à família. Desde pequeno vivia metido nas rodas de capoeira. Aos 12 anos já ensinava a luta na Marinha, onde trabalhei algum tempo como civil. Com a capoeira me libertei dos grilhões que ligavam à família e dos homens que viviam me perseguindo só porque eu era pequeno, valente e ágil”.**

**Com 21 anos Pastinha tinha casa de jogo, algumas mulheres, ensinava capoeira na rua, engraxava sapatos, vendia doces, jornais, pintava quadros**

e frequentemente era obrigado a pedir ajuda à família de Jorge Amado para escapar da polícia por causa das brigas.

- Capoeirista nunca dizia a ninguém que intava. Era homem astuto e artiloso, como a própria luta, que se disfarçou com a dança pra sobreviver depois que chegou de Angola. Até que dava gosto ver aquele pessoal forte, abusado, cheio de conversa, brincar e arrelhar a gente nos forrobodós, para minutos depois estar arriado no chão, gemendo e chamando pela polícia, que quando chegava também entrava no samba.

Quando lembra o passado, Pastinha parece voltar no tempo. O velho e o menino se fundem numa só pessoa e sua fala fica mais forte, seu corpo creto e ainda vigoroso se lança para a frente, com as mãos traçando linhas no ar, como se representassem os golpes que no passado tão bem soube aplicar. Mas o cansaço e a realidade chegam alguns segundos depois e ele se posta silencioso, com as olhos fechados e as pernas uma muito junta da outra.

#### **TATEANDO NO ESCURO**

A capoeira rasga o veio dos algozes

Na convicção da fé contra a escravidão

Doce voz, teus filhos foram heróis

A capoeira ama a abolição

Falador, minucioso quando explica coisas da capoeira, „com mais de mil golpes, a maioria mortais“, retraído quando se lembra da família que nem se lembra dele, e das autoridades que o esqueceram. Pastinha é de temperamento quase sempre calmo, mas pode enfurecer e virar um touro se alguém tentar burlar a sua liderança.

- Fica aqui, você também é capoeirista e pode me ajudar a lembrar muita coisa. Não vai sair agora não. Responde ao moço tudo que ele perguntar, pois eu já estou cansado e preciso parar um pouco – diz ao antigo aluno que lhe foi procurar por tem ouvido um boato sobre sua morte. „Eu ainda não morri e, por isso, todos são meus discípulos“, afirma. Sua liderança é e sempre foi indiscutível, embora ele próprio se autodefinia como „um ingênuo com cara de besta“. Jorge Amado é um dos poucos amigos que não o esqueceram e sempre está atento para ver se há necessidades de remédio, médico ou comida. Foi ele quem teve que interferir junto ao Prefeito para que o Mestre não perdesse – com a recente extinção da Superintendência de Turismo de Salvador – a pensão de Cr\$ 300 que recebe „por serviços prestados ao turismo“, sua única fonte de renda (deste dinheiro paga Cr\$ 120 pelo aluguel do quarto e ainda Cr\$ 30 de luz).

- Quando eu era moço – afirma – antes da congestão que me deixou cego, eu era influente: tinha dinheiro e prestígio. Agora, acho que já faço parte do passado, embora muita coisa ainda precise da minha opinião, dos meus conhecimentos e da minha presença.

Continua:

- Engraçada a vida! A fama chegou para mim como se eu não estivesse preparado. No princípio, sentia uma certa vaidade e pensava: formidável, todos falam de mim, todos necessitam de mim, um mulatinho descendente de escravos. Terrível é descobrir que tudo isso é falso, que de tudo a única coisa real foi a capoeira.